



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**SOB O SOL DA LOUCURA: REPRESENTAÇÕES MÉDICAS NO
CORPO FEMININO**

Lidiane Álvares Mendes¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz e das famílias, colocará na categoria das neuróticas; filha do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora. A ruiva heroína dos romances de folhetim, essa mulher cujo calor do sangue ilumina pele e cabelos, e através da qual chega a desgraça, é a encarnação popular da mulher ígnea que deixa apenas cinza e fumaça²

Os discursos médicos do final do século XIX e início do século XX apontam a higiene, a psiquiatria e a medicina legal como fontes disciplinadoras para o comportamento feminino. A ciência médica como prática surge na consolidação da

¹ Lidiane Álvares Mendes, é licenciada em história pelo Centro Universitário de Várzea Grande/MT, pós-graduado *latu sensu* em Políticas Públicas e Sociais pela mesma instituição, mestra em história social pela Universidade Federal do Amazonas, e membro do Laboratório de Estudo de Gênero/UFAM. E-mail: lidianemendes2@hotmail.com

² PERROT. Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.p.p. 187-188.

formação da sociedade capitalista, na qual constituiu-se da intervenção e investigação da medicalização dos corpos e mentes.

Vieira pontua que,

A crença na missão civilizadora dos médicos levou-os a formular um projeto de reorganização da sociedade, visando a produzir indivíduos saudáveis no corpo e no espírito, capazes de efetuar transformações não apenas em suas vidas particulares, mas no destino do país. Para cumprir esta missão elaboraram um discurso reformista sobre as principais instituições que, segundo sua interpretação, eram responsáveis por graves erros e vícios na formação do povo brasileiro, a começar pela família, alcançando as escolas, hospitais, quartéis, prisões, mercados, cemitérios, enfim, milhares de espaços públicos e privados que deviam seguir as normas da reforma higienista.³

Nesse escopo da reforma higienista, o fascínio médico em desvendar a fisiologia feminina ganhou força na primeira metade do século XIX, tornando os exames médicos cada vez mais detalhados esmiuçavam os corpos e os esquadrihavam em observações, métodos, estatísticas e fórmulas de tratamentos e cura para todos os males. Dentre essas doenças estava a loucura.

De forma geral, os médicos brasileiros deram atenção especial ao corpo feminino, devido às funções da maternidade e da família. Buscou-se representar na anatomia e na fisiologia da mulher o papel da reprodução, o que implica diretamente nas bases sociais desse país que se estruturava sob a luz da Primeira República.

Diante do âmbito republicano, os homens da ciência acumulavam vários papéis: de educador, a guardião da moral, do planejador do espaço urbano e familiar, à desmistificador do corpo feminino. Os médicos formularam uma definição de ser social e suas intervenções médicas criaram conceitos relativos à natureza da mulher.

As propostas médicas variavam de acordo com as condições sociais que se iniciavam na profilaxia coletiva e individual e nas prevenções da saúde higiênica, onde os discursos baseavam-se em,

Primeiro lugar, situar-se no debate mais amplo sobre a questão da mulher em curso nos centros europeus e norte-americanos e, em segundo lugar, formular uma síntese sobre o tema, procurando adequar as duas principais correntes sobre a questão: aquela que mesmo

³ VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do Corpo Feminino*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. p.p.217-218.

reconhecendo a inferioridade física e mental das mulheres acreditava no poder transformador da evolução.⁴

Intrínseco nesse discurso de educação evolutiva da mulher estava a pirâmide social que diferenciava, de forma clara, a mulher rica da pobre, pois este período é determinado pelo sentimento de formação de uma nação unificada e o papel da mulher como mãe, educadora e provedora dos costumes valorais e saudáveis passaram a ser fundamentais. Dessa maneira, gerenciar esse corpo através de seus comportamentos tornou-se a tônica dos discursos médicos, das normatizações e das prevenções contra fatores de degeneração moral.

As constituições históricas do corpo feminino como objeto da medicina e das suas contravenções configuram-se na dimensão social, orgânica e de gênero estruturadas no processo da naturalização desse corpo. Diferenciá-lo do corpo masculino tornou-se causa de fato naquele momento, e essa divisão se dá na medida em que a mulher se deixava examinar com mais regularidade.

Tal construção do corpo feminino e de suas condições biológicas ocorreu impulsionada pela questão sexual. De fato, estabelecer as verdades sobre a sexualidade nos ides do século XIX/XX não fora tarefa fácil. Métodos comparativos de tamanho, forma, peso e volume dos órgãos masculinos e femininos eram examinados e pulverizados nas revistas científicas do final do século.

Jean Pierre Peter afirma que,

A mulher era, para a medicina, como um território a conquistar. Além de conhecer, descobrir. Universo espantoso, desconcertante, cheio de armadilhas e surpresas. Frente às questões a respeito da natureza humana que a medicina devia colocar e esclarecer como o que é o homem, se acrescenta e se substitui por outra mais polêmica: O que é a mulher?⁵

O que era então a mulher dentro dos conceitos médicos alienistas, higienistas e regulamentadores senão seres consideradas inferiores física e mentalmente? Até então estas eram as considerações pautadas na cientificidade exercida pelo corpo médico

⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.p.222.

⁵ PETER, Jean Paul. *Les Médecins et les femmes*. In : ARON, J. P (Org.) *Misérable et Glorieuse: la femme du XIX siècle*. Paris: Fayard,1981.p.80.

brasileiro e que cai por terra à medida que a fisiologia feminina concede o direito à análise profunda que desvenda as entranhas desse corpo.

Para o corpo médico da jovem República, higienizar o país era o lema que sustentava os projetos de modernizações efetuadas neste período. Se o projeto era modernizar o país, os processos de higienização e controle da população através de normas, leis e decretos, do ensino das letras, de condutas de valores morais e sociais, do controle e purificação dos corpos e mentes geraram pesquisas e análises científicas que envolveram não somente os corpos masculinos, mas, sobretudo, o corpo feminino, corpo este que carregou por muito tempo a culpa de todos os males,

Simbolicamente, às mulheres destinavam-se as contravenções do mundo cinza e da fumaça. Imagens construídas através das perspectivas religiosas e enraizadas nas famílias que levavam a ferro e fogo os preceitos valorais, cercando as mulheres por meio da subordinação aos homens, de maneira tal que por muitos anos o corpo humano era tido como sexo único, limitando a medicina a estudá-la superficialmente.

Ao longo do século XIX, o véu que cobria o corpo feminino e sua estereotização se desfaz através dos estudos realizados pelos obstetras, ginecologistas e médicos legistas que usaram os resultados de suas experiências anatomofisiológicas para fundamentar suas teorias em relação ao corpo feminino. No entanto, os escólios que foram utilizados continuavam a se contrapor aos sistemas corpóreos e cerebrais que diferenciavam mulheres e homens.

Segundo Martins,

Os médicos estabeleceram que na mulher este sistema era instável, marcado pelo desequilíbrio e que, portanto, qualquer excitação periférica – sempre de origem sexual – poderia perturbar o frágil equilíbrio do sistema e causar problemas psíquicos que variavam de uma simples dor de cabeça chegando a estados melancólicos, manifestações histéricas e delírios que podiam levar as mulheres a cometerem atos contrários à sua vontade, como o infanticídio e o suicídio.⁶

Individualizadas na questão de gênero e na medicina social, as mulheres eram investigadas, esmiuçadas e normatizadas através de dispositivos que corroboravam para o processo de medicalização desse corpo. Além disso, todos os comportamentos

⁶ Martins, *idem*, p.76).

desviantes da figura feminina tinham características próprias, a prostituição, o homossexualismo, o alcoolismo, a histeria, etc. são classificados como comportamentos desviantes e inscritos no âmbito da loucura. “*Concebida como expressão do instinto não controlado, a loucura é vista como um estado primitivo ou selvagem, caracterizado pela fragilidade da formação espiritual e intelectual do indivíduo*”.⁷

A mulher tem, em seu estereótipo, todas as dúvidas que os investigadores da fisiologia feminina queriam extrair. Respostas que, por um longo período não foram solucionadas. O corpo feminino era para os médicos, o que nos coloca Engel, “*no organismo da mulher, na sua fisiologia estariam inscritas as predisposições à doença mental*”.⁸

Nesse contexto, o continente quase desconhecido que a loucura ocupava as pequenas ilhas que se formavam e que giravam em torno das diversas perspectivas que causavam a doença e, sobretudo, sob o monopólio dos alienistas, na sedimentação e na repressão do corpo feminino, onde os diagnósticos precoces e especulações que julgavam e definiam as mulheres que sofriam das faculdades mentais eram caracterizadas pela puberdade, menstruação, maternidade, órgãos genitais, masturbação, sexo - excessivo ou não -, histeria, menopausa, rejeição, vapores femininos, neurastenia, sobrecarga de emoções, útero errante, descaso, bobices, calafrios, casamentos, solteirice, enfim, todas as portabilidades que influenciavam a entrada da doença no corpo feminino.

Sob o sol da loucura, as mulheres tornam-se alvo fácil dos homens da ciência que cismam em descobrir as causas que influenciavam os desequilíbrios mentais que as infligiam. Ou como nos afirma Foucault “[...] *que a ameaça da loucura retoma seu lugar entre as urgências do século.*”⁹

Essa urgência dos séculos que Foucault propõe está determinada na cronologia histórica. O espaço urbano em transformação traz impactos em toda a sociedade, daí nasce à necessidade das internações para observações, que num primeiro momento são

⁷ ENGEL, Magali Gouveia. *Psiquiatria e feminilidade*. In: Mary Del Priore (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.p.81.

⁸ ENGEL, Magali Gouveia. *Os Delírios da Razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.p.333.

⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura: na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.p.360.

subjetivas perante os mecanismos de tratamento e, com os crescentes estudos da *psique*, tornam os loucos objetos de estudos mais profundos.

O medo da loucura se emoldura numa reta temporal, social e histórica. É nesse período que o corpo feminino aufere espaço na pesquisa científica, desvendar a loucura e os devaneios das mulheres é tema intrigante para a sociedade alienista.

A loucura em tempos modernos figura no feminino todos os desencadeamentos possíveis. A mulher, dona do útero fértil e do cérebro frágil, vagou pelos tempos entrecruzando seu caminho pelos instintos e não pela razão. Delegada à vida particular, segregada à família, seu comportamento estava diretamente ligado à síndrome da insanidade mental, ou seja, ao menor sinal de contravenção, desvio de conduta, excessiva carência ou desmedida afabilidade, questionamentos racionais ou imposições de igualdade de gêneros, sua sanidade era arguida pela família e assinada pelos homens da ciência, que buscavam investigar todos os comportamentos tidos como insanos e que poderiam levar à loucura real.

Neste contexto, interessa-nos nesta reflexão investigar os discursos produzidos em relação às causas da loucura nas mulheres através do olhar dos médicos alienistas que exerciam esta ciência no país e, neste caso, específico, em Manaus na Primeira República Brasileira. Em meio à diversidade de diagnósticos médicos e da segregação, à internação e os tratamentos, a louca ocupava o mesmo espaço de sociabilização reclamado pela elite.

1.1 REPRESENTAÇÕES FEMININAS

A prática medicinal nunca esteve dissociada do contexto histórico e social, até porque a medicina é uma ciência intervencionista, e a utilização desta prática de ingerência abre mão das produções discursivas. As teses médicas relacionadas aos prognósticos da loucura como doença de fato que foram defendidas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX são trabalhos voltados para considerações, ponderações e menções de estudos até então realizados.

Nos primeiros anos republicanos, internar mulheres que apresentassem comportamentos ligados à loucura significava intervir no âmbito social. As reestruturações que eram voltadas para a limpeza física da urbe alcançavam também as fulanas que perambulavam pelas ruas. Os doentes sociais necessitavam de tratamentos e a medicina, através da institucionalização dos comportamentos embasados nas causas

orgânicas das enfermidades da loucura, buscavam esclarecer as causas das doenças mentais e, no que dedilha esta reflexão, as causas da loucura feminina apontadas pelos alienistas da época, estes aspectos possuíam características específicas: puberdade, menstruação, gravidez, parto, menopausa, sexualidade, paixões, abstinência sexual, histeria e transtornos comportamentais. Nesse contexto, a fisiologia feminina e os distúrbios mentais são associados à noção de instabilidade constante, visto que,

São anormais todos os exageros sexuais da mulher que, por vezes, os patenteia da maneira mais exibicionista e até atentatória da dignidade da situação social que ocupa, indo de encontro aos bons costumes e as conveniências sociais, deve admitir-se que esses exageros andam ligados a sua constituição neuropática.¹⁰

As concepções dos comportamentos femininos sedimentados em valores religiosos e familiares não admitiam que as mulheres pudessem ter qualquer tipo de exageros. Seu comportamento era condicionado a prescrições morais. Ora, a mulher que a sociedade republicana priorizava era a burguesa, que diante das condições favoráveis de vida teriam predicados para gerar uma prole saudável e numerosa contribuindo para o futuro do país na criação de indivíduos de bem, de valores morais e sociais, contribuindo para uma nação que nascia sob os ares republicanos e buscava o progresso com base em uma população ordeira. Ana Maria Colling expõe que,

A autoridade bíblica com respeito à subordinação feminina foi confirmada ou substituída pela autoridade biológica. A mulher, cujo ser é afetado pela sexualidade no discurso médico, logo passa a ser vista como um ser doentio, com crises frequentes, afetada pelas paixões e romances.¹¹

A imagem representativa do corpo feminino e as definições de suas emoções vinculadas ao seu comportamento foram a mola propulsora as pesquisas alienistas que buscavam entender as causas das doenças mentais nas mulheres.

1.2 SOB O SOL DA LOUCURA

Reportando-nos a Manaus republicana e as perspectivas dos médicos que habitavam essa urbe e que buscavam desvendar a loucura através dos tratamentos e da

¹⁰ MONIZ, Egas. *A Vida Sexual – Fisiologia e Patologia*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1916. p.332.

¹¹ COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Mato Grosso do Sul: Ed. UFGD, 2014.p.90.

institucionalização dela a favor de uma medicina social que impute nos espaços de sociabilização a ordem. Temos na institucionalização e medicalização do corpo feminino a criação da Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro,¹² em 1894. Além disso, os médicos manauaras contavam com a crescente onda nacional de estudos desta patologia e essa troca acadêmica sugeriu várias maneiras de tratar e curar a loucura, dentro do espaço de clínico.

Porém, as tentativas dos médicos em lidar com a insanidade das mulheres em Manaus foram deverás ligadas aos tratamentos básicos da histeria e da neurastenia, entendendo que as doenças mentais no corpo feminino eram causadas pelas ações determinadas até então pelo organismo oculto das mulheres. Paralelo às perspectivas médicas temos nos tratamentos destas duas patologias em específico a prospecção de que podem assim que diagnosticadas serem tratadas e até curadas com remédios eficazes anunciados nos jornais locais.

NEURASTHENIA, FADIGA, PROSTAÇÃO DE FORÇA – KOLA PROSPATADA (GRANULADA) – Preparada por Vicente Verneck.

Esta util combinação corresponde a uma necessidade therapeutica, todos os dias acentuadas pelos mais preclaros clínicos. É o mais seguro tonico empregado contra as molestias ou excessos, que produzem esgotamento nervoso.

ANEMIA CEREBRAL, HYSTERIA E PROSPHATURIA. (Grifo nosso).¹³

Estas propagandas também eram feitas pelos médicos que possuía gabinetes próprios onde o tratamento era direcionado a várias doenças,

Dr. Cardaval – Gabinete Radio Electro-Therapico.

As molestias da pelle, as molestias do aparelho da intervenção, **neurastenia, hysteria**, dores de cabeça, nervos do coração, os aneurysmas, as paralysias de toda especie, as molestias do estomago e intestinos, as hemorroidas, as molestias do fígado, do baço, a obesidade. Curadas por meio de aplicações elétricas. As molestias das senhoras,

¹² A Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro foi oficialmente criada pela lei nº 65 de 03 de outubro de 1894, porém sua efetiva construção e transferência dos pacientes ocorrem no final da década de 1930. Ao longo do tempo sua nomenclatura sofreu alterações: Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro, Hospício Eduardo Ribeiro e Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro. Ler: MENDES, Lidianne Álvares. *Na esteira da loucura: Colônia de alienados Eduardo Ribeiro-Práticas e representações na ala feminina, Manaós/AM (1894-1930)*. Dissertação de Mestrado/Universidade Federal do Amazonas.

¹³ Jornal do Commercio, 10 de fevereiro de 1904, edição nº 33, ANNO I.

curadas pela Kinesitherapia, massagens e gymnastica. Rua 24 de maio.nº58.174.¹⁴ (Grifo nosso)

Remédios que vinham de pesquisas dos Estados Unidos também eram objetos das propagandas,

MODERNO ANNEL ELEECTRO BI-POLAR AMERICANO

Notável descoberta do Dr. William de Nova York.

Cura todos os males nervosos, **hysterismo**, **neurastenia**, dores de cabeça ou enxaqueca, nervosismo, câimbra, constructura dos musculos, palpitações nervosas, erysipela, disspeias nervosas, dor sciatica, impotência, etc. O ANNEL BI-POLAR DO DR. WILLIAM é indispensável a todos que são victimas das terríveis molestias nervosas, ele preserva de todos os males já mencionados e a população d'esta Cidade deverá experimentar ou possuir estes legítimos e sólidos Anneis electricos americanos. A VENDA UNICAMENTE NA CASA "PAZ DA PATRIA" – MANAÓS. (Grifo nosso).¹⁵

As propagandas citadas acima nos apontam que os médicos e farmacêuticos possíveis charlatões, criaram e recriam curas para todos os males. Utilizavam dos problemas neurastênicos, comuns na população da passagem do século, para divulgarem seus produtos milagrosos. As informações dos anúncios nos remetem às múltiplas facetas utilizadas por eles para ganharem dinheiro rápido, elucidando questões econômicas. Tais remédios caracterizam a cura pelo consumo medicamentoso.

Um fato nos chama atenção a partir de 1909, outra fórmula aparece e esta surge depois de uma nota publicada no Jornal do Commercio de 08 de janeiro daquele ano com o título A Neurasthenia e o Vinho.

Vejamos,

A Neurasthenia foi muito discutida no Congresso medico de Genebra. Disse-se, entre outras coisas, que essa enfermidade nervosa faz muitas victimas entre os bebedores de agua. É interessante saber até que ponto pode chegar o fundamento dessa asserção. A Neurastenia é caracterizada por symptomas de fadiga e esgotamento, que atingem não somente as forças phisicas, mas também as faculdades intelectuais. Ao mesmo tempo, os doentes experimentam perturbações muito sensíveis nas suas funções physiológicas. Todas essas causas exercem uma influencia debilitante sobre o corpo e o espirito. Idagou-se si não seria conveniente em taes condições, empregar excitantes e determinar uma utilização mais rápida e mais completa do bolo alimentar.

¹⁴ Jornal do Commercio, 12 de abril de 1904, edição nº 87, ANNO I.

¹⁵ Jornal do Commercio, 13 de setembro de 1906, edição nº 795, ANNO III.

E continua,

O Neurasthênico, sofrendo habitualmente de dyspepsia não deveria tomar alimentos sólidos ou líquidos capazes de irritar o estomago affectado. Parece preferível impor ao doente um regime excitante, sendo por isso desfavorável a proibição do uso do vinho às pessoas atacadas de tal enfermidade. Constatou-se já que os bebedores de agua são melancólicos e facilmente irascíveis. Ao contrario, neurasthenia não ataca senão acidentalmente os bebedores de vinho. Tal é a these nova. Convinha adapta-a com interia confiança? É o que resta decidir, sendo certo, porém, que o vinho, condenado em primeira instância espera triunfante um segundo julgamento.¹⁶

A necessidade de citar na íntegra essa notícia se fez pelas indagações que a cercam. O autor deixa claro que o vinho deveras contribuiu tanto no tratamento quanto na imunidade à doença. Ora sabemos que as bebidas alcoólicas, mesmo em forma de medicamentos como é este caso, deixam as pessoas inebries, porquanto, se já sofrem de uma possível doença neurológica, o vinho não seria o tratamento mais adequado.

Mesmo assim, não tardou a aparecer vinhos milagrosos, elixires que curavam e gotas que salvavam anunciados nos jornais e com nomes sugestivos. Estavam à venda nas melhores farmácias do ramo. Nesta reflexão trouxemos os nomes dos medicamentos que mais frequentaram as páginas de anúncio, sendo eles: Sharop Sirop de Follet, Vinho Kola-Bah de Orlando Rangel, Vinho de Xarope Deschiens, Elixir, Vinho e Kola Granulada Monavan, Ovo-Lecithin Billon, Vinho Nogueira, e o fabuloso Gottas Genitae, que era um produto da flora amazônica, tendo como base o princípio ativo da Muirapuama.

As causas das doenças do cérebro que habitavam o corpo feminino não se restringiram à sexualidade, ao útero, à histeria ou à neurastenia. Sabemos que a Primeira República no Brasil fora divisor de águas. De uma sociedade colono / imperial o país se abriu para um novo ciclo e com ele, as mulheres ganharam um pouco de visibilidade. No momento em que se desataram das amarras familiares e religiosas deixaram-se investigar: alma, corpo e mente.

Nesse contexto, outra doença, que discutidas no âmbito das academias de medicina – a sobrecarga de emoções –, vinculavam as mulheres à fragilidade, languidez

¹⁶ Jornal do Commercio, 08 de janeiro de 1909, edição nº 1723, ANNO VI.

e melancolia. Rompantes exagerados às rebaixavam cientificamente e estas sobrecargas de emoções apareciam nos momentos em que nos dias atuais chamamos de stress, depressão, estafa, tensões pré-menstruais e dores musculares.

Na ponte dos séculos XIX para o século XX essas emoções se transformaram em um abismo que os médicos alienistas se propuseram a desvendar, bem como as outras doenças supracitadas e que despertaram interesses científicos e leigos.

As mulheres manauaras foram submetidas às curas milagrosas e a internações muitas vezes involuntárias na Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro, estabeleciam todos os métodos de tratamento o que configurava monopólio sobre o corpo feminino e os aspectos contraditórios da loucura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primeira República no Brasil foi marcada pelas potencialidades e avanços da tecnologia e da ciência, os homens das letras buscavam através das pesquisas sociais, medicinais e urbanísticas, consolidar o estado universal de ser brasileiro. De fato, as transformações ocorridas no início do século XX, as perspectivas destas transformações andaram conforme os avanços científicos de outros lugares do mundo.

Neste contexto, o corpo feminino está entre as interrogações a serem desvendadas pelos médicos daquele período. Corpo este que envolto ao véu da pureza passou pelos séculos causando estranheza e dúvida, e a dinamização destas descobertas contribuíram de maneira ímpar para a desconstrução deste corpo e de suas patologias.

Diante disso, a medicina do período republicano debruçou esforços em desmistificar desde o comportamento até os órgãos internos, das aflições e especulações em torno deste corpo. E o que tange esta reflexão, o estado de loucura interfere no âmbito social, incomoda os olhares da urbe, interroga o médicos alienistas e questiona as práticas sociais.

Assim, analisar este corpo clinicamente e seus sintomas dentro das patologias existentes, e elencando as novas patologias foi na República Velha, tomado pelos médicos como assunto central da discussão do corpo feminino e do desvendar da loucura. Muito embora, esta breve reflexão busque pontuar a sexualidade feminina e as diversas maneiras de enlouquecer, em controvérsia com o real organismo feminino.

Sendo assim, apropriar-se cientificamente deste corpo e elaborar práticas de tratamento e cura, foi para os médicos alienistas da época o subsídio que alimentou as pesquisas científicas, bem como as especulações dos charlatões, e a queda do véu da pureza em torno do corpo da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Mato Grosso do Sul: Ed. UFGD, 2014

ENGEL, Magali Gouveia. *Psiquiatria e feminilidade*. In: Mary Del Priore (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Os Delírios da Razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura: na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.

MONIZ, Egas. *A Vida Sexual – Fisiologia e Patologia*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1916.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PETER, Jean Paul. *Les Médecins et les femmes*. In: ARON, J. P (Org.) *Misérable et Glorieuse: la femme du XIX siècle*. Paris: Fayard, 1981.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do Corpo Feminino*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

Periódicos

Jornal do Commercio do Amazonas, Manaós.